

# **AVALIAÇÃO : O DESAFIO DA MUDANÇA DE PARADIGMAS**

---

**Profa. Dra Ilca Oliveira de Almeida Vianna**

*Doutora em Educação pela USP, Mestre em Educação pela PUC/SP, Mestre em Gestão Universitária pela UNIMARCOS / SP; Assessora Pedagógica do Instituto Hoyer/SP, da Faculdade de Ciências e Letras / Bragança Paulista; Coordenadora e Docente do Mestrado Stricto Sensu em Educação, com área de concentração em Docência no Ensino Superior da Universidade do Sagrado Coração de Jesus / Bauru; Docente do Programa de Pós-graduação Lato Sensu da Fundação Santo André e do Instituto Hoyer, Diretora Acadêmica do Centro de Ensino e Pesquisa "Francisco de Assis" / São Bernardo do Campo, Diretora Presidente da Francis Assessoria, Consultoria, Cursos e Eventos / São Bernardo do Campo, pesquisadora e autora de livros na área de gestão estratégica, planejamento participativo, avaliação institucional e do desempenho docente e discente.*

## **SUMÁRIO**

*As modernas organizações da sociedade contemporânea estão a exigir profissionais diferenciados cuja formação constitui-se em desafio para as instituições de ensino de quaisquer níveis, especialmente as de nível superior que, por sua vez, têm que buscar docentes capazes de efetivar, em sala de aula e outros ambientes especiais, um processo interativo, crítico, criativo de construção do conhecimento, que facilite a entrada do aluno no mercado de trabalho, ajudando-o a realizar-se como pessoa e cidadão. Avaliar esse processo diferenciado e o desempenho de discentes e docentes ao longo de sua efetivação é outro de seus desafios, considerando-se, principalmente, que não há como melhorar a escola e seus resultados, em todos os níveis, se não se conseguir mudar, para melhor, a ação docente e o processo de avaliação do desempenho dos alunos. No que diz respeito à avaliação é necessário fazê-la evoluir de um prática classificatória, quantitativa e sentenciva, para uma ação diagnóstica, qualitativa, mediadora e investigativa. Portanto, para uma ação construtivista. Para devolver à avaliação seu verdadeiro sentido é necessário entendê-la como ação avaliativa de acompanhamento, permanente e contínuo do desenvolvimento do educando, sendo necessário revitalizá-la no dinamismo que encerra de ação refletida que provoca novas ações, na sua essência dialética em busca de sínteses cada vez mais perfeitas, além de considerá-la observadora e investigativa, no sentido de favorecer e ampliar as possibilidades próprias de cada educando. É necessário construí-la como processo investigativo, de questionamentos, de levantamento de hipóteses sobre as atividades realizadas pelos alunos, suas respostas aos desafios do professor ou do grupo, desvinculando-a do atrelamento às decisões sobre resultados finais e a conseqüente classificação exclusivista dos melhores e dos piores.*

## **Novo mundo, novos tempos, novos desafios**

O mundo passa por mudanças tão rápidas e inesperadas, que a sociedade sequer tem condições para interpretá-las adequadamente, sentindo, no entanto, os reflexos de seu caminhar e das suas conseqüências.

O homem de hoje vive um período de desenvolvimento muito rápido nas suas organizações – que se tornam cada dia mais complexas – nos seus sistemas de comunicação e na sua tecnologia, cada vez mais sutil e inovadora. Admira-se diante da expansão da telefonia móvel (apesar de todos os problemas decorrentes da privatização pela Embratel ou Telefônica, do 21 ou 15?) da Internet e da TV por assinatura. O avanço vertiginoso da Biogenética, possibilitando a criação de “clones”, do “útero artificial” e dos alimentos “transgênicos”; a conquista do planeta Marte e a descoberta de novas galáxias; a vitória sobre o enxadrista Garry Kasparov pelo computador Deep Blue; os estudos a respeito das Inteligências Múltiplas e o Quociente Emocional são alguns dos acontecimentos que têm mudado a vida do homem e do planeta nas últimas décadas.

O computador invade nossas casas, restaurantes, bancos, indústrias trazendo exigências que geram a necessidade de alterar, radicalmente, nossa visão de mundo, as diretrizes de nosso cotidiano, nossas crenças e valores. Nas indústrias provocaram revisões e adequações múltiplas, fazendo surgir um novo cenário organizacional e econômico, submerso em mudanças vertiginosas e cada vez mais complexas, além da ameaça da substituição do homem pela máquina.

### **Novas organizações exigem profissionais diferenciados**

Novas tecnologias e equipamentos geram novas expectativas de trabalho, auxiliando os processos, tornando-os mais ágeis e eficientes, possibilitando maior produtividade.

*“A era atual está gerando profundas modificações nas relações de trabalho. Hoje o trabalho segmentado e individualizado está cedendo lugar ao trabalho em equipe, em colaboração, em sinergia, na qual ‘o bom equipamento de nada mais vale se não estiver apoiado no conhecimento e na capacidade’ (Secretan, 1989, p.62) que resultam em competência, adquirida através do trabalho duro que desenvolve potencialidades e minimiza pontos fracos” (Vianna, 1996, p.13).*

Níveis hierárquicos e funcionários são reduzidos. Para os que permanecem as exigências profissionais são maiores. Conseqüentemente mudam também os indicadores de qualidade profissional ou funcional.

Os profissionais devem primar por níveis de instrução cada vez mais altos, conhecimento e utilização excelente da informática, domínio de línguas estrangeiras, além de qualidades pessoais como agilidade, criatividade, criticidade, vontade de aprender, capacidade para resolver problemas e antecipar crises, curiosidade, flexibilidade, raciocínio lógico-matemático bem articulado, responsabilidade ética e profissional. Devem ser mais qualificados, capazes de trabalhar em equipes multidisciplinares, facilitadores de ações internas coletivas.

## **Novos profissionais exigem novas escolas**

Formar esses novos profissionais para um novo tempo é o grande desafio das instituições de ensino de quaisquer níveis, especialmente as de nível superior. Para isso é necessário que elas reflitam sobre sua prática didático-pedagógica no cotidiano da sala de aula e, especialmente, sobre o seu sistema de avaliação.

Essas mudanças na sociedade, nas indústrias, no conceito de trabalho e emprego geraram, para a instituição de ensino superior, formadoras desses profissionais, não só a reflexão crítica de suas ações mas, e principalmente, a necessidade de rever a qualidade do seu trabalho, criando as “escolas, os docentes e as salas de aulas do futuro”, que possibilitem a disposição de ações e ambientes otimizados para que a aprendizagem possa ocorrer em termos modernos e excelentes.

*“Unindo uma visão humanista à tecnologia contemporânea, a meta é fazer com que a sala de aula, em todos os níveis educacionais, seja o lugar mais interessante e dinâmico da vida do aluno. A tarefa da educação é o desafio da rapidez em aprender e a renovação do aprendido. A lógica da didática moderna transforma o saber ensinar em saber aprender.”(Galhardo, 1998, p.44).*

Saber aprender constitui-se em um dos grandes desafios dos docentes e discentes do novo milênio que se aproxima, considerando que ambos sempre estiveram enraizados no ensinar e calar para ouvir e aprender, que exigirá mudanças significativas nas suas formas de ver e sentir a vida e a educação.

## **Novas escolas exigem trabalho didático-pedagógico diferenciado**

Não há lugar, neste novo momento histórico da humanidade e suas organizações, para uma escola descompromissada, na qual o professor ensina e os alunos aprendem; o professor testa o aprendizado do aluno, atribui notas ou menções e registra estes resultados, caracterizando um processo de entropia educacional e exclusão do aluno do seu direito à descoberta do mundo e das profissões, do seu acesso à cidadania.

E este é outro grande desafio do novo século que se inicia, em questões educacionais: vencer a escola e seus profissionais, a família e a sociedade em geral, de que o aluno não precisa mais receber informações prontas nas escolas, mas caminhos para ampliá-las, enriquecê-las, ressignificá-las e mesmo substituí-las, quando necessário.

Essas informações já estão prontas para ele em redes de informática, necessitando apenas aprender a acessá-las, sempre que necessário, trabalhá-las logicamente, examiná-las criticamente, para delas retirar o aprendizado do qual necessita para sobreviver neste mundo de grandes mudanças e constantes interrogações.

## Os desafios dos novos educadores

Nenhum professor possui a gama de conhecimentos que o computador coloca à disposição de seus usuários.

Neste aspecto será facilmente suplantado por ele. No entanto, é o profissional capaz de desafiar seus alunos para fazer, das informações colhidas no computador, uma leitura crítica; de estimulá-los à novas descobertas, a partir dessas informações iniciais, a “jogar”, prazerosamente, com os conhecimentos, recriando-os, ampliando-os, eliminando-os, num verdadeiro processo de valorização e satisfação pessoal, ascensão cultural e conquista de cidadania.

O mestre é o agente incentivador, desafiador e desequilibrador do aprendizado de seus alunos, considerando que o mesmo não é um processo estático ou definitivo. Como profissional da educação precisa entender que “seu aluno só aprende efetivamente quando constrói, de forma interativa, o próprio conhecimento, reconstruindo-o, e mesmo, reinventando-o” (Vianna, 1992).

Deve considerar seu aluno como um aprendiz capaz, incentivando-o a ser criativo, atuante e modificador, a resolver problemas, usando a descoberta, a criação de novas alternativas, a predição, garantindo-lhe uma aprendizagem significativa, um processo muito mais amplo e superior ao simples acúmulo de fatos, conhecimentos, informações prontas, pré-determinadas e fechadas quase sempre muito pouco atraentes, quando comparadas às oferecidas pelos meios de comunicação, pela mídia, pelo computador.

Segundo Vianna (1992) o ato dinâmico de construir conhecimentos gera mudanças significativas para o trabalho didático-pedagógico:

- o conhecimento deixa de ser entendido como resultado passivo e mecânico da ação do professor (aquele que sabe) sobre o aluno (aquele que não sabe), e passa a ser construído por ambos, através de situações interativas, impondo-se como resultados de parceria;
- o professor deixa de ser aquele que apenas transmite conhecimentos, informações, para ser o estimulador e o facilitador do processo de construção de conhecimentos por seus alunos, encorajando-os a manifestar seus pontos de vistas, ampliar conhecimentos e exercer sobre eles seu poder crítico e criador;

- o ato de aprender deixa de ser processo mecânico de memorização de conhecimentos prontos e fechados, para transformar-se em processo ativo e interativo de interpretação da realidade e de sua construção interna, através de progressivas reorganizações intelectuais, sempre majorantes, assumindo maior significado por aqueles que constroem, o seu conhecimento;
- o aluno deixa de ser sujeito passivo no processo de assimilação mecânica de informações, para transformar-se em agente competente e construtor do próprio conhecimento, de forma ativa, a partir da interação efetiva que estabelece com seu meio, estando mais apto a conviver com as novas tendências que passaram a ser valorizadas pelo mundo moderno e suas organizações;
- a sala de aula deixa de ser um ambiente neutro, um simples espaço físico de aprendizagem para transformar-se em laboratório de descobertas científicas, a partir de estímulos e desafios que suscitem busca de soluções para problemas variados, possibilitando a construção de conhecimentos e a identificação das relações que possam existir entre eles, a própria vida e a sociedade em que vive. Deve ser um lugar atraente e agradável para discentes e docentes na sua parceria frente ao domínio do mundo dos signos, das relações sociais e do trabalho;
- o erro deixa de ser sinal de fracasso e de incompetência, para transformar-se em indicador, para o aluno e para o professor, do progresso e avanço na qualidade da atividade cognitiva, do andamento de uma aprendizagem significativa de dinâmica, registrando que o aluno está pesquisando e eliminando alternativas, chegando cada vez mais perto do acerto, de respostas significativamente mais bem argumentadas;
- a avaliação deixa de ser “arma” do professor para o domínio e exclusão de seus alunos, para transformar-se em recurso diagnóstico e mediador de aprendizagem e da relação professor-aluno, no processo de construção do conhecimento.

Essas novas formas de entender o ato do conhecimento, as relações que devem se estabelecer entre alunos e docentes no cotidiano das salas de aulas e outros ambientes especiais de aprendizagem estão a exigir da escola uma mudança complexa, radical e rápida.

## **Novos tempos, nova escola**

Uma verdade impõe-se, portanto, no contexto educacional de nossas escolas neste início de novo século: **urge mudar**. É necessário reconquistar espaços, rever posturas e posições consagradas pelo entendimento e uso tradicional da ação de ensinar. Se a escola e os profissionais da educação não se esforçarem para mudar serão, num futuro bem próximo, absolutamente dispensáveis, substituídos pela tecnologia moderna, especialmente pelo computador.

## **Nova escola, novo trabalho docente, mas...Pseudo nova avaliação**

Não há como melhorar a escola e seus resultados, em todos os níveis, se não se conseguir mudar, para melhor, a ação docente e o processo de avaliação do desempenho dos alunos. Dois mitos precisam ser ultrapassados: a soberania autoritária ou permissiva do docente e a exclusão e incompetência resultantes do processo de avaliação de seus alunos.

No que diz respeito à avaliação é necessário fazê-la evoluir de um prática classificatória, quantitativa e sentenciva, para uma ação diagnóstica, qualitativa, mediadora e investigativa. Portanto, para uma ação construtivista. No cotidiano escolar os docentes consideram a avaliação como um julgamento penoso e angustiante, como procedimento que se restringe a momentos definidos do processo educativo, ocorridos a intervalos estabelecidos e exigidos burocraticamente.

Entendem-na, geralmente, como a prática do registro dos resultados do desempenho discente em um determinado período do ano letivo, vinculando-a à aprovação, à comportamentos definidos como ideais pelo professor, ou à retenção, não percebendo a avaliação em seu verdadeiro sentido de prática indissociável da ação educativa. Ao agir dessa forma o professor impõe aos seus alunos imperativos categóricos que limitam o desenvolvimento de sua autonomia moral e intelectual (Hoffmann, 1991). Apenas repetir informações memorizadas não exercita a capacidade de decisão, não fortalece o livre arbítrio e a responsabilidade decorrente de escolhas. Enquanto julgamento de resultados pré-determinados baseia-se na autoridade e no respeito unilateral ao professor, esquecendo que a participação do aluno é fundamental no processo, para que uma verdadeira aprendizagem aconteça com excelência de qualidade.

## **Nova avaliação, novo sentido, novos desafios**

Para devolver à avaliação seu verdadeiro sentido é necessário entendê-la como ação avaliativa de acompanhamento, permanente e contínuo do desenvolvimento do educando, sendo necessário revitalizá-la no dinamismo que encerra de ação refletida que provoca novas ações, na sua essência dialética em busca de sínteses cada vez mais perfeitas, além de considerá-la observadora e investigativa, no sentido de favorecer e ampliar as possibilidades próprias de cada educando.

Nesse sentido é necessário eliminar o conceito reducionista de avaliação como prática classificatória, vinculando julgamento à comparação com modelos e o agir à atribuição de notas e conceitos (Hoffmann, 1991). É necessário construí-la como processo investigativo, de questionamentos, de levantamento de hipóteses sobre as atividades realizadas pelos alunos, suas respostas aos desafios do professor ou do grupo, desvinculando-a do atrelamento às decisões sobre resultados finais e a conseqüente classificação exclusivista dos melhores e dos piores. A preocupação do professor não pode ser mais a de corrigir e atribuir notas aos alunos, mas questioná-los a respeito das

suas respostas, dos seus acertos – para ampliá-los e aperfeiçoá-los – e dos seus erros, de forma que juntos possam buscar alternativas para a sua superação.

A abordagem de tais questões exige a concepção da ação avaliativa como interpretação cuidadosa e abrangente das respostas do educando frente a qualquer situação proposta, assim como a visão de acompanhamento, não como um caminho de certezas do professor, mas uma trajetória de entendimento, troca de idéias por ambos os elementos da ação educativa (Hoffmann, 1991).

É fundamental neste processo que o professor se conscientize de que não é “dando” todo o conteúdo programado que assegurará o aprendizado do aluno. O importante é que os alunos entendam o que está sendo trabalhado e aprendam a relacionar cada assunto com os demais, trabalhando-os a partir de raciocínios mais complexos como hipotetizações, previsões, transferências, entendendo que o fundamental é a qualidade e não a quantidade do aprendido.

Infelizmente, questionamentos – **como o que fazer com essas informações, sua adequação e efetividade, quais prejuízos poderiam advir da sua não memorização** – geralmente não fazem parte das discussões entre os profissionais da educação, muito mais preocupados em cumprir calendários e programas (informações estruturadas), com a quantidade de informações a serem transmitidas e memorizadas pelos alunos, sem questionamentos, ações baseados apenas na autoridade (imposta) do professor.

Segundo Hoffmann (1991) o autoritarismo da avaliação emerge do próprio planejamento do ensino que se efetiva (da pré-escola à universidade) sem a reflexão necessária sobre o significado das propostas pedagógicas desenvolvidas (avaliação do currículo).

## **Nova avaliação, novos professores, novo trabalho didático-pedagógico**

Importante se faz, portanto, conscientizar os professores sobre a necessidade de mudar sua prática avaliativa, o que, somente será possível se o professor mudar sua postura diante do processo de educação e, especialmente, mudar sua forma de trabalhar didaticamente com seus alunos. É importante que eles entendam que a origem de sua prática pedagógica comportamentalista e positivista ultrapassa o próprio ambiente escolar, concretizando-se como reflexos de uma sociedade liberal e capitalista, que se nutre de exigências burocráticas para mascarar o seu verdadeiro descaço com a educação em todos os seus níveis (Hoffmann, 1991).

Para mudar esta realidade é necessário trabalhar para que a avaliação ultrapasse seu caráter sentencioso, que exclui dos bancos escolares a grande maioria da sua clientela rotulando-a como incapaz, transformando-se em processo de diagnosticar necessidades a serem orientadas, resolvidas em clima de muita cooperação, respeito mútuo e parcerias efetivas entre professor e alunos.

É fundamental que o professor entenda que o conhecimento produzido pelo aluno, em determinada época de sua vida, traz em si o gérmen da própria superação, num processo dialético de construção de novos conhecimentos e que sua avaliação não pode limitar-se à verificação de respostas certas ou erradas.

Nesse sentido deve não só delinear as condições reais do aluno para o processo de aprendizagem-educação-desenvolvimento, como mediá-lo, para encorajá-lo à reorganização do seu saber, auxiliando-o a vencer barreiras e ampliar suas conquistas, configurando-se, assim, uma relação diferenciada entre professor e alunos: todos procurando coordenar pontos de vistas diferentes, trocar e reorganizar idéias, caminhando sempre em busca de conhecimentos mais aperfeiçoados e perfeitos (equilíbrio majorante de Piaget, 1967).

## **Nova avaliação, novo enfoque de correção**

Os reflexos dessa nova visão mediadora de avaliação traz conseqüências muito significativas para o ato docente de transmitir e corrigir conhecimentos. A verdadeira função docente não é a de transmitir conhecimentos, mas a de estimular o aluno a construí-los a partir da sua estimulação e desafios desequilibrantes, auxiliando-os a avançar, cada vez mais, no seu processo de desvendamento, crítico e criativo da realidade, do seu mundo, para nele ter condições fazer interferências inteligentes e de qualidade.

A ação docente não pode resumir-se mais ao binômio transmissão-correção, mas assumir o caráter de ação refletida que gera novas ações que podem até mesmo dialeticamente opor-se, mas que de uma forma ou de outra, impulsionam o aluno ao crescimento e aperfeiçoamento. Não basta mais transmitir, criar situações de aprendizagem, avaliar e corrigir, dentro de uma periodicidade anteriormente definida, tudo terminando na correção, sem nenhuma análise do professor entre uma atividade de avaliação e outras, ao longo do processo.

O acompanhamento do desempenho do aluno, dessa forma, não acontece em função das suas condições para a construção do conhecimento, mas do cumprimento das tarefas propostas pelo professor, sem nenhuma retomada dessas atividades e sem nenhum trabalho didático-pedagógico sobre elas, perpetuando, dessa forma enganos e erros, que poderiam ser corrigidos com a análise dos resultados de cada aluno, logo que realizadas as atividades.

Portanto, o costume de avaliar, levar as produções dos alunos para correção em casa e devolução depois de semanas ou meses, somando e dividindo resultados, é contraprodutivo, além de inadequado. Essa descontinuidade, movida pela correção posterior, impossibilita que o aluno avance naturalmente, no seu processo de aprendizagem-desenvolvimento-educação, não resolvendo de imediato suas dúvidas, privando-o da oportunidade de buscar posicionamentos e respostas alternativas que melhor atendam aos desafios propostos.

A correção não pode estar atrelada à ação de classificar e rotular os alunos. Apenas terá significado se possibilitar ao aluno o desenvolvimento da sua capacidade de compreensão e da sua autonomia intelectual, encorajando-o a analisar situações a partir da ótica de outras pessoas, especialmente extrapolando as do professor e colegas de classe, ajudando-o a encontrar caminhos novos para a retomada dos problemas encontrados ao longo do processo de aprendizagem e da vida, de uma forma geral.

É importante salientar que o aluno deve vir à escola para aprender e os erros por ele cometidos não podem sofrer sérias penalidades, permanecendo sob a forma de dificuldades pseudamente invencíveis, reforçados por procedimentos inadequados de correção e registro pelos professores.

Faz parte do cotidiano escolar a média aritmética, quantitativa, dos conhecimentos dos alunos, para rotulá-los também quantitativamente, como se o conhecimento do homem fosse porção de superfície ou massa a ser medida, sem quaisquer questionamentos a respeito de suas escolhas, do uso inteligente de sua capacidade de compreender e atuar sobre a realidade que o cerca.

Assim, é muito comum que alunos, por erros cometidos, que geraram, por exemplo, uma nota 2,0, em estudos realizados durante o primeiro bimestre letivo, por eles respondam durante todo o ano letivo, mesmo que demostrem tê-los superado, recebendo em estudos mais avançados, no restante do ano letivo, a nota 8,0, por exemplo. Ao final do ano acabam recebendo a média castradora, que os castiga pelos erros cometidos no passado, traduzida pela nota 5,0, média aritmética entre as duas notas anteriores ou sendo encaminhados, pelo professor, ao processo de recuperação de erros já superados ao longo do processo, que justifica sua atitude inadequada por uma “nota baixa”, obtida no início do ano escolar.

Duas conclusões podem ser discutidas a partir deste exemplo: ou o professor não sabe planejar o seu trabalho didático-pedagógico em complexidade crescente, de forma a permitir que o aluno cresça a partir da oportunização da exploração diferenciada e crítica desse conteúdo, ou não sabe avaliar seus alunos, atrelando-se às exigências burocráticas que, muitas vezes, nada mais são que entaves para um trabalho de qualidade. É necessário que o professor se conscientize de que o processo avaliativo precisa evoluir da simples repetição de conhecimentos memorizados e desafiar o aluno a compreender, a descobrir as razões das coisas, novas relações entre elas, ampliando-as, trabalhando-as, resignificando-as de forma crítica e criativa, entendendo que, neste processo, sua mediação é fundamental, encorajando e orientando os aluno à produção de um saber qualitativamente mais perfeito, a partir do aprofundamento crítico das questões propostas, pela oportunização de novas vivências, leituras ou quaisquer outros procedimentos que possam concorrer para enriquecer os temas estudados e os processos mentais utilizados para explorá-los didaticamente (Hoffmann, 1991).

## **Uma nova visão do acompanhamento do desempenho dos alunos – novos princípios básicos para a ação docente**

O acompanhar o rendimento dos alunos é fundamental no processo de ensino-aprendizagem-educação-desenvolvimento. No entanto, mais importante ainda é a forma como esse acompanhamento é feito.

Não pode limitar-se mais a detectar e apontar erros, mas transformar-se em processo de pesquisa e reflexão sobre as diferentes soluções apresentadas pelos alunos

para resolver os desafios feitos pelo professor, pelos colegas de classe ou para resolver problemas circunstanciais da vida. Para isso o professor precisa, como mediador, registrar essas respostas, as questões não respondidas, as relações entre as diferentes respostas dadas pelos alunos, seus elos de ligação e outros referenciais importantes para o processo.

Tanto na forma de estimular seus alunos à aprendizagem como na avaliação de seus resultados o professor precisa orientar sua ação didático-pedagógica por alguns princípios básicos:

1º) todos os alunos são capazes de aprender, basta que o professor descubra a forma de melhor estimulá-los, respeitando o nível de suas estruturas mentais, sua história de vida, seus valores, possibilidades e limitações, sempre com o objetivo de superar cada etapa anteriormente construída, em busca de uma aprendizagem de maior qualidade;

2º) entre alunos e professor deve existir respeito e confiança mútua, eliminação de tensões e limitações, favorecendo assim um clima positivo para o verdadeiro aprender;

3º) é necessário valorizar sempre as respostas dos alunos procurando descobrir seus nexos de ligação, sua lógica, transformando-as em oportunidades para novos conhecimentos, para novas perguntas e novas respostas, transformando os métodos castradores de correção, que apenas detectam que os alunos não aprenderam, em processo de investigação, de busca, de interpretação das alternativas de solução apresentadas pelos alunos;

4º) é preciso transformar o ensino em atividade prazerosa, fazendo com que o aluno aprenda de forma agradável e espontânea, sem sofrimento e angústia, desenvolvendo trabalho didático-pedagógico que pra construção interativa, crítica e criativa do conhecimento, a compreensão e não a simples memorização de informações, conceitos, situações;

5º) é importante não subordinar o processo avaliativo às exigências de registro burocrático, privilegiando avaliações intermediárias que possibilitem acompanhar o verdadeiro desenvolvimento dos alunos no seu processo de aprendizagem-educação-desenvolvimento;

6º) é imprescindível eliminar da avaliação todo aspecto coercitivo, valorizando ações de ajuda mútua, diálogos francos e sadios, trocas dinâmicas entre professor e alunos;

7º) é importante não assumir a postura extremista que identifica o bom professor como aquele que aprova ninguém ou aprova todos os alunos, verdadeiro processo de “desculpas para o não fazer” e, muito menos, ser partidário da promoção de alunos sem aproveitamento e sem frequência, substituindo o entendimento de avaliação como processo e a aprendizagem dos alunos, como a formação de sua personalidade global;

É muito importante que o professor saiba que “dar” provas, corrigir exercícios, medir mecanicamente o conhecimento de seus alunos é brincar de ser professor e isso, qualquer um pode fazer. Ser professor de verdade é fazer o aluno pensar, estabelecer relações, discutir, questionar, despertar o prazer que existe em aprender e conhecer coisas e novas verdades. Sua avaliação deve ser essencialmente qualitativa e, ao ser qualitativa, assume o caráter de investigação, diagnose, mediação.

## O desafio de evoluir para uma avaliação qualitativa

Como passar de uma avaliação quantitativa, sentenciosa, que aponta erros e acertos, para uma avaliação qualitativa que diagnostica para mediar, investigando dos efeitos as causas, procurando identificar nexos lógicos nas respostas dos alunos, transformando-as em novas questões de investigação do progresso do desempenho do aluno?

**Esta mudança não é fácil.** Exige do educador revisão de sua visão de mundo, que precisa ser humanista, ou seja, entender o aluno como ser humano capaz de aprender, que precisa ser respeitado em seu ritmo, em suas condições de aprendizagem e que, com a ajuda do professor e de colegas poderá resolver “hoje”, com eles, em trabalho interativo, os desafios que resolverá, com certeza, “mais tarde”, sozinho (Vygotsky, 1984).

Exige também uma revisão de posturas diante do mundo e da educação, que não pode resumir-se à transmissão de informações prontas, pré-determinadas mas, partir delas para possibilitar aprendizagens mais complexas e raciocínios mais aperfeiçoados, preparando o aluno para a construção gradativa de sua autonomia, de suas condições para o exercício da cidadania efetiva.

Alguns indicadores podem orientar a ação docente nesta mudança, que é imediata, irreversível e necessita, entre outros aspectos:

- utilizar, preferencialmente, como instrumentos de avaliação a resolução de problemas; o estudo de realidades; o julgamento de atitudes tomadas em situações críticas; o estudo de caso; as questões de investigação, reflexivas, criativas e crítica; as atividades práticas e de campo; os projetos de intervenção em realidade; o júri simulado; dinâmicas de grupos, elaboração de “papers” que não sejam meramente constatativos, mas que registrem juízos de valor bem argumentados, e muitos outros instrumentos selecionados pelo professor, desde que não priorizem a memorização de conhecimento, mas possibilitem pensar, questionar, criar;
- incluir na proposta de avaliação todos os dados que, em um instrumento quantitativo, seriam exigidos do aluno como informações memorizadas;
- desafiar o aluno a trabalhar essas informações a partir de estudos comparativos, hipotetizações, predições, transferências, trabalho multidisciplinar e muitos outros processos que exigem raciocínios mais complexos;
- não pressupor respostas certas ou erradas pois é necessário permitir que o aluno explore, livre e logicamente, as propostas que lhe são feitas. É necessário entender que não existem, de antemão, respostas certas ou erradas. O que deve existir são respostas mais bem e logicamente argumentadas pelos alunos. É na identificação e questionamento desta lógica, na descoberta das explicações do aluno, na busca das evidências objetivas dos nexos lógicos de suas respostas, do que elas têm de inovador, suas contribuições para a área, entre outros aspectos, é que se exercerá a função docente de “corrigir”;

- discutir, de imediato, as conquistas e as dificuldades encontradas pelo aluno, buscando com ele as soluções mais adequadas pois o seu processo de construção do conhecimento não pode ser controlado por ninguém, nem mesmo pelo professor, que atua sobre as manifestações desse processo único, particular que a mente de cada aluno processa segundo sua individualidade, o desenvolvimento de suas estruturas mentais, suas experiências de vida.

Este processo interno, segundo Piaget (1967), desenvolve-se a partir das estruturas mentais que o aluno construiu até o momento da nova aquisição – e à qual será assimilada –, por um processo dinâmico de desequilíbrio e equilíbrio, com resultados que precisam ser sempre “majorantes”. Trata-se, portanto, de um processo de construção interativa do conhecimento, fruto da ação do próprio aluno em trocas permanentes com o mundo no qual vive, do qual recebe influências e que atingirá melhores resultados sempre que o mesmo for, convenientemente, estimulado e desafiado pelo professor;

- envolver, prioritariamente, situações grupais, a partir das quais o aluno consiga vencer, com a ajuda do grupo, desafios que estão além das condições de suas estruturas mentais e individuais, nas quais registre a ação do seu intelecto e de suas emoções, o trabalho interno que efetivou para resolver os desafios propostos pelo professor;
- ter a certeza de que, uma avaliação será tanto mais qualitativa, quanto permitir que, através dela, alunos e professores aprendam, a partir de um processo dinâmico, mútuo e interativo, no qual o respeito e a crença de que todos são capazes de aprender é fundamental.

Transformando-se em processo de aprendizagem conjunta de professor e aluno a avaliação deixa de ser uma tarefa angustiante, um instrumento de dominação para transformar-se em processo de investigação, de pesquisa, em atividade prazerosa, porque traz satisfações resultantes das conquistas efetivadas pelo esforço coletivo e não mais individualizado e competitivo. Nesse processo de avaliação mediadora o professor precisa ser muito ativo, construindo conhecimentos a respeito dos seus alunos. Para isso deve incentivá-los a falar, a pensar, a escrever, pois só assim poderá colher informações reais sobre como ele está processando seu aprendizado para nele intervir, caminhando sempre para uma maior qualidade.

## **Nova avaliação, novos questionamentos**

Diante deste novo quadro, dessa nova visão do processo avaliativo algumas questões desafiam os professores preocupando-os sobremaneira:

**1ª) Como cumprir o programa previsto com uma avaliação que exige muito esforço e tempo?**

Inicialmente é importante ressaltar que este programa deve ser muito bem selecionado e versar sobre os assuntos prioritários e fundamentais em cada área envolvida, lembrando também da necessidade da mudança de sistemática de trabalho didático-pedagógico em sala de aula para não tratar os assuntos do programa como unidades estanques e

desvinculadas entre si. Em uma situação de resolução de problemas, por exemplo, professores e alunos podem correlacionar várias unidades ou vários tópicos do programa, em verdadeiro trabalho “interconteúdo”, na própria disciplina.

Da mesma forma, os professores de disciplinas afins poderão organizar atividades multidisciplinares ou interdisciplinares, que possibilitem que, a partir de um mesmo projeto de intervenção de realidade, possam ser trabalhados tópicos de várias disciplinas. O trabalho segmentado não pode ter mais lugar nas instituições de ensino, que precisam garantir ao aluno uma visão globalizada da realidade para que, a partir dessa visão global, possa especializar-se em área de sua preferência, sem perder a visão do conjunto, identificando seus nexos de ligação e interdependência.

### **2ª) Como desenvolver trabalho diferenciado e avaliação qualitativa em classes numerosas?**

Reduzir o número de alunos nas classes é proposta de melhoria de ensino e conquista docente e institucional de qualquer nível. No entanto, é necessário lembrar que classes com número reduzido de alunos pode facilitar um processo de qualidade, mas não é condição suficiente para assegurá-lo. Se o professor não mudar sua visão de educação, sua sistemática de trabalho e de avaliação tudo ficará com antes, todos continuando a grande comédia da educação brasileira na qual alunos representam que aprendem e professores fingindo que ensinam, dirigem um espetáculo assistido não porque se gosta, se acredita ou gera prazer mas... verdadeiro plágio, desonesto e irresponsável, de peças e situações já representadas anteriormente e da mesma forma monótona... repetitiva... triste.

## **O essencial em todo o processo**

O importante é mudar a sistemática de trabalho em sala de aula, utilizando estratégias diversificadas que, pela sua própria natureza, exigem número maior de participantes. Para enfrentar e vencer os desafios da quantidade de alunos é necessários dividi-los, mas de forma tal que, o êxito do conjunto dependa do êxito de cada uma das partes envolvidas. Cada grupo terá seu monitor e todos os monitores serão “monitorados” pelos professor. Para ouvir cada grupo, que deve aprender a ouvir cada um dos seus participantes, faz-se necessário propor cronograma de observação e acompanhamento dos diferentes grupos.

Ao longo da primeira atividade o desempenho de todos os grupos será observado pelo professor que, no entanto dedicará maior atenção à observação do grupo A, por exemplo. Durante a segunda atividade as atenções do professor estarão direcionadas para todos os grupos, mas centradas, especialmente, no grupo B e assim sucessivamente, até o último grupo, e logo o professor terá o controle de toda a classe.

Para isso é necessário também que o professor seja um ótimo comunicador e incentivador de seus alunos, dinâmico e crítico, criador de situações diferenciadas e desafiadoras, a partir das quais seus alunos possam, realmente, construir o seu conhecimento.

Conteúdos sempre existirão para serem aprendidos. Objetivos sempre existirão para serem alcançados.

No entanto, os resultados do trabalho do professor que não podem continuar os mesmos, conduzindo alunos ao fracasso e à exclusão ou formando profissionais incompetentes que terminam um curso, recebem um diploma e não sabem o que fazer com eles.

Necessário se faz preparar os homens ágeis, criativos, críticos, capazes de resolver problemas e interpretar e evitar crises, com condições para adequar-se às exigências de organizações diferenciadas, com mente aberta e flexibilidade para achar caminhos e adequações aos diferentes desafios feitos pelas organizações e pela vida, de uma forma geral.

Memorizar conhecimentos para sair-se bem em uma avaliação também prepara os alunos, mas para a submissão o silêncio, a convivência com os parâmetros de uma sociedade liberal-capitalista na qual o homem nunca teve lugar, a não ser como fonte de lucro e de vantagens econômicas e materiais.

É necessário garantir a ascensão cultural que abre portas para uma participação efetiva na mudança de uma sociedade, nisso consistindo um dos maiores desafios da escola superior, responsável pela formação dos “intelectuais orgânicos” (Gramsci, 1989), líderes dessa mudança.

No entanto, não acaba neste estágio o desafio da escola e dos professores de hoje e do futuro.

## O desafio ético da modernidade

O mundo passa por transformações constantes e profundas, a sociedade isolada em territórios delimitados transforma-se, aos poucos, em sociedade global, com dependências e influências mútuas. O progresso das últimas décadas é quase indescritível, em número e qualidade, transformando conhecimentos, costumes, hábitos e crenças em todo o mundo.

No entanto, a maravilha do progresso, do avanço tecnológico faz-se acompanhar de uma grande crise que afeta diretamente as instituições de ensino e seus profissionais: a crise de “homens”, de “humanidade”, de “caráter”. A liberdade é apregoada em todo o mundo, mas a responsabilidade dela decorrente quase ninguém quer assumir. Autenticidade, honestidade de caráter, compromisso, são valores em crise neste mundo moderno. A violência, decorrente do desrespeito aos valores e necessidades básicas do ser humano, traduz-se em um número cada vez mais assustador de assassinatos, roubos, furtos, assédios, de violência em crianças, mulheres, velhos, pessoas portadoras de deficiências de várias ordens, situação essa facilitada e mesmo provocada pela desigualdade social que permeia o mundo, com concentração de riquezas nas mãos de algumas pessoas ou grupos.

Solidariedade, fraternidade, caridade parecem não mais encontrar eco no coração das pessoas e da sociedade em geral. Nas organizações é muito grande o prejuízo causado pela desonestidade e pelo desejo de “sempre levar vantagem”, que vem caracterizando os seus integrantes, que se degladeiam e se anulam pelos mais altos postos e melhores salários. Conseqüentemente, as organizações estão preocupadas, cada vez mais, com o caráter moral de seus funcionários, exigindo demonstrações inequívocas de sua responsabilidade, honestidade, retidão de caráter.

## **O desafio da avaliação atitudinal**

A escola, enquanto formadora da personalidade integral do ser humano não pode descurar deste aspecto fazendo com que a formação do caráter de seus alunos integre as atividades escolares e a avaliação do seu desempenho, gerando mais um grande desafio para o professor, a instituição e o próprio aluno porque, formação de caráter se faz, ao longo da vida, através do exemplo pessoal e da aplicação dos preceitos éticos nas relações cotidianas da escola. Isto faz com que o professor e todas as pessoas que integram o trabalho acadêmico das instituições de ensino sejam estimulados a assumir o papel de parâmetros éticos para seus alunos, esmerando-se para que, além dos conhecimentos, habilidades e hábitos necessários ao exercício de uma profissão, sejam trabalhadas, no cotidiano das escolas, as atitudes éticas dos alunos em relação a si próprio, ao outro, ao seu ambiente em geral, à sociedade globalizada. A avaliação qualitativa é, dessa forma ampliada, exigindo do professor e do aluno o acompanhamento contínuo de seu desempenho pessoal, social, político, ético e das suas reais condições para o exercício da profissão que assumirá ao término do curso. Isto implica em acompanhar a postura global que o aluno vai construindo ao longo do curso, traduzida na discussão de sua assiduidade, participação, pontualidade, atitude de respeito, honestidade, colaboração, solidariedade, compromisso, equilíbrio emocional, gosto pelas atividades inerentes à área escolhida, firmeza de caráter e outras qualidades morais necessárias ao convívio social com excelência de qualidade.

Essa avaliação será efetivada ao longo do processo educativo traduzida na forma de pistas a serem indicadas, pelo professor e pelos colegas, a respeito de aspectos atitudinais a serem incentivados ou evitados. A cada final de período letivo o professor deverá emitir parecer sobre o desempenho pessoal-ético de cada aluno com sugestões e recomendações para o aperfeiçoamento de atitudes consideradas positivas e para adequação das consideradas negativas.

Avaliar globalmente o aluno é uma missão do professor que deve preparar-se para a mesma fortalecendo seus próprios valores pessoais e profissionais, considerando que “ninguém dá o que não tem” e, “cada um é responsável pelo que ajuda a construir nas outras pessoas” (Saint-Exupéry, 1974).

## **Algumas conclusões**

Mudar a forma de ensinar e de avaliar é um desafio muito grande para qualquer instituição de ensino e para todos os professores, além de o ser também para os alunos e suas famílias, porque precisam entender os novos indicadores de uma educação com excelência de qualidade e compromisso político de reconstrução e aperfeiçoamento pessoal e social, necessária para fazer frente às exigências da sociedade contemporânea, direcionada pelo capitalismo liberalista, que exclui o homem de suas prioridades maiores e, cada vez mais, das condições de sobrevivência digna, a maioria da população brasileira.

Como exige mudanças de visão de mundo e postura diante da vida e da educação nunca acontecerá como processo isolado e segmentado. Pelo contrário, esta mudança exigirá um esforço coletivo que ultrapasse os muros escolares atingindo também as famílias e a comunidade em geral. Nesse sentido é de fundamental importância a implantação, dentro das escolas, do Planejamento Participativo que, de acordo com Vianna (1986), consiste em um trabalho conjunto e integrado de representantes de todos os seus segmentos para a tomada das decisões prioritárias da escola. Apenas a partir de um trabalho organizado e coletivo conseguir-se-á mudar a escola, seu sistema de ensino, sua avaliação, de forma a garantir a todos os brasileiros a ascensão – cultural, social, econômica e política – necessária ao exercício de cidadania efetiva, com a conseqüente melhoria da qualidade de vida para todos.

Assim ...

*“Nosso tempo, o dos educadores, é este em que já se encontra, em gestação, o amanhã. Não um qualquer, mas um amanhã intencional, planejado, provocado agora. Um amanhã sobre o qual não possuímos certezas, mas que sabemos possibilidade”...*

Mário Sérgio Cortella

## Bibliografia

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GALHARDO, Maria Aparecida. *O ensino da disciplina Estrutura de Dados em nível de 3º grau: uma proposta de reestruturação pedagógica*. Dissertação ( Mestrado em Ciência da Computação ) - Universidade Mackenzie de São Paulo, 1998.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva*. Porto Alegre: Mediação, 1991.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forence, 1967.

SAINT-EXUPÉRY, A . *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

SECRETAN, Lance H.K. *Os passos do tigre: uma fábula moderna sobre gerência e administração*. São Paulo: Record, 1989.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. *Avaliação universitária global: o tripé ensino, pesquisa, extensão e a formação para a cidadania*. Cadernos, São Paulo, v.2, nº 1, p. 25-35, jan./jun.1996.

\_\_\_\_\_. *Planejamento participativo na escola: um desafio ao educador*. São Paulo: EPU, 1986.

\_\_\_\_\_. *Administração da escola pública: um desafio pedagógico e político*. Tese (Doutorado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1992.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.